



Formação e movimento agroecológico: a atuação de um grupo de Agroecologia e seu papel na formação universitária e em processos de desenvolvimento rural sustentável

Horasa Maria Lima da Silva Andrade¹
Betânia Araújo Cosme dos Santos²
Luciano Pires de Andrade³
Eraldo Honorato Gallese⁴
Launa Souza Muniz⁵
Cássia Roberta de Melo Leite⁶

¹ Professora da UAG/UFRPE. horasaa@gmail.com

² Professora da UAG/UFRPE, betaniaacsantos@yahoo.com

³ Professor da UAG/UFRPE.

⁴ Assessor técnico do Agrofamiliar.eraldoghv@yahoo.com.br

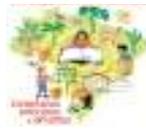
⁵ Estudante de Agronomia da UAg/UFRPE

⁶ Estudante de Agronomia da UAg/UFRPE, cassia.melol@hotmail.com

RESUMO

Este relato busca contribuir para a reflexão sobre a atuação do Núcleo de Agroecologia, sua influência na formação dos estudantes universitários da UAG/UFRPE e sua correlação com a construção do pensamento agroecológico, bem como nas ações desenvolvidas junto aos agricultores familiares da região. O núcleo atua sob três eixos: formação de um grupo de estudos, apoio aos agricultores em transição agroecológica e participação e promoção de eventos em torno da Agroecologia. Os princípios norteadores da experiência estão baseados na pesquisa-ação, na etnociência e em metodologias participativas para a realização de atividades como oficinas, minicursos, rodas de debate, visitas de intercâmbio. As discussões, projetos, estudos e pesquisas realizadas vêm possibilitando uma experiência concreta que vem aproximando a universidade dos contextos rurais e gerando empoderamento nos agricultores e processos de desenvolvimento local. Isso tem possibilitado a construção do pensamento agroecológico em diferentes sujeitos sociais, uma vez que favorece a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, gerando um movimento em torno da Agroecologia.

Palavras-chave: Agroecologia; Pensamento agroecológico; Transição agroecológica.



Contexto

As universidades brasileiras vêm passando por um processo no qual os sistemas de ensino estão reformulando seus projetos de curso. Desta forma, é preciso pensar nas múltiplas dimensões que tornam um sujeito aprendiz e, ao mesmo tempo, atuante profissionalmente. Competências, habilidades, conhecimentos e atitudes devem permear uma formação universitária que deve formar cidadãos cada vez mais comprometidos com a vida em sua melhor qualidade, sendo, portanto fundamental uma formação que apresente cada vez mais forte o elo entre a dimensão técnica e humana. A Agroecologia, considerada como ciência, vem a corroborar para que o sistema cartesiano de ensino seja rompido e traz como proposta a inter-relação entre as mais diversas áreas do conhecimento em um processo que possa discutir múltiplas relações e coloca a aprendizagem a serviço de dimensões éticas, sociais, culturais, políticas, ambientais e econômicas (CAPORAL E COSTABEBER, 2004).

As universidades devem trabalhar com a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. No entanto o que se percebe é que ainda cabe à extensão universitária um papel secundário no cotidiano dos projetos que são desenvolvidos, e, no que se refere aos contextos populares, as interações sociais entre universidade e a população ainda poderia atingir melhores resultados.

No meio rural encontra-se uma população vitimada historicamente e em processo de pobreza e miséria. Dentro da qual se pode considerar os agricultores familiares que, ao longo de sua história, têm preservado e garantido a alimentação dos brasileiros com sua produção de feijão, mandioca, milho e seus sistemas de criação animal que, no geral, chegam a ofertar 70% dos alimentos na mesa da população. Mas esta mesma população que se encontra no campo muitas vezes acaba por ser esquecida ou mesmo desconsiderada no processo de ensino-aprendizagem que é desenvolvido no meio acadêmico. Se considerarmos, na realidade brasileira, um universo de agricultores familiares que desenvolveram técnicas e principalmente mantêm um conhecimento endógeno durante muitas gerações e que inclusive chegaram a preservar muitos dos aspectos culturais e a própria biodiversidade, por que não considerar que esses agricultores são sujeitos históricos, de relevante contribuição cultural e que suas práticas precisam ser resgatadas e sobretudo valorizadas no meio acadêmico? Assim, é preciso dar voz e vez aos agricultores valorizando seu conhecimento étnico-cultural e sua contribuição para o desenvolvimento das mais diferentes territorialidades rurais. Desta



forma também é preciso considerar o processo de formação universitária e o perfil profissional para o qual se está preparando o profissional-estudante.

O pensamento complexo e a visão sistêmica vêm influenciando os processos de desenvolvimento rural, mas estes vêm sendo considerados na formação dos estudantes? É nesta perspectiva que a Agroecologia, considerada como uma ciência, por meio da construção de um pensamento agroecológico, que se pode desenvolver um projeto pedagógico e experiências concretas que possam vir a apoiar os agricultores a adotarem uma base tecnológica respaldada em práticas mais sustentáveis.

O sistema de produção agroecológico se diferencia e muito do sistema convencional de produção. Sobre isso Caporal (2008), relata que a aposta em um modelo de monocultivos tem sido responsável pela perda de biodiversidade em todos os nossos biomas. A estratégia científica-agronômica que sustenta o atual modelo de produção agropecuária, parte da premissa de que as terras devem ser “desocupadas” de sua vegetação natural antes de se iniciar o plantio dos cultivos econômicos ou a introdução das pastagens e da pecuária.

O sistema convencional vem desestruturar o seu funcionamento correto, pois o mesmo busca a produção intensiva e exploratória e muito se difere da agricultura sustentável. Assim como relata Altieri (2002), a expressão agricultura sustentável se refere à “busca de rendimentos duráveis, no longo prazo, através do uso de tecnologias de manejo ecologicamente adequadas, o que requer a otimização do sistema como um todo e não apenas o rendimento máximo de um produto específico”.

Desde a década de 1930, a Agroecologia vem sendo discutida, sendo reforçada sobretudo pelos movimentos sociais e ambientalistas. Convém destacar que no Brasil, principalmente em 2004, a Agroecologia foi descrita com base tecnológica a ser orientada pelos extensionistas, por meio da implantação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater), e atualmente é referendada na Lei de Ater (2010) para fortalecimento da agricultura familiar e promoção do desenvolvimento endógeno. A Agroecologia, desta forma, é uma ciência que está presente na perspectiva de desenvolvimento rural sustentável.

“Agroecologia, mais do que simplesmente tratar sobre o manejo ecologicamente responsável dos recursos naturais, constitui-se em um campo do conhecimento científico que, partindo de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica, pretende contribuir para que as sociedades possam redirecionar o curso alterado da coevolução social



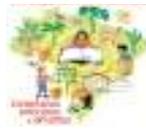
e ecológica, nas suas mais diferentes inter-relações e mútua influência” (CAPORAL, 2009).

Estimular o pensamento agroecológico na universidade deve ser, portanto um movimento, um posicionamento político a ser assumido por aqueles que estão na formação também dos estudantes que estão ou irão atuar junto aos agricultores em processos de empoderamento e de desenvolvimento local. Nesta perspectiva, estimular estudos, debates, o desenvolvimento de experiências e práticas, bem como estimular o resgate e a construção do pensamento agroecológico, são atitudes a ser apoiadas pelos pesquisadores e instituições governamentais e não governamentais.

Foi com o intuito de promover o debate e a construção do pensamento agroecológico que um grupo de professores, alunos e técnicos iniciou um grupo de estudos em Agroecologia na Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG) da UFRPE para se tornarem possíveis experiências práticas e a realização de projetos com agricultores dos municípios do Agreste Meridional de Pernambuco.

Descrição da experiência

Em 2009 um grupo de professores, estudantes da UAG/UFRPE e técnicos do IPA iniciaram um processo de discussão sobre outras formas de se trabalhar com a práticas de agriculturas mais sustentáveis na região do Agreste Meridional de Pernambuco. Assim o grupo começou a se reunir todas as sextas-feiras e organizou um planejamento, um cronograma de estudos e discussões em torno da Agroecologia e da construção do pensamento agroecológico na universidade. Decidiu-se que iria se atuar em torno da elaboração de projetos que viessem a apoiar os agricultores na região e assim poder realizar atividades que, de fato, integrassem o ensino, a pesquisa e a extensão. Ficou bem claro também para o grupo que era preciso fortalecer o debate para as pessoas participantes terem a oportunidade de estudar mais sobre a temática Agroecologia. Surgiu, então, o Grupo de Estudos, que, inspirado nos círculos de cultura de Paulo Freire, reunia diferentes pessoas para debater, estudar a fundamentação teórica em torno da Agroecologia e experiências práticas que viessem a fortalecer a agricultura familiar e camponesa na região. O grupo de estudos resolveu pontuar sua atuação sob três grandes eixos: participação e promoção de eventos; apoio aos agricultores familiares em processos de transição agroecológica; e manutenção de um grupo de estudos permanente sobre agricultura familiar e camponesa e Agroecologia. Foram diversas as atividades e só em 2010, a partir da vivência deste grupo de estudo, é que



surgiu o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Agricultura Familiar e Camponesa, o Agrofamiliar.

O Agrofamiliar tem como principal objetivo a construção e adoção de sistemas de produção agroecológicos com perspectivas ao fortalecimento da agricultura familiar, a construção do conhecimento agroecológico, a inserção em políticas públicas e a geração de processos de desenvolvimento rural sustentável e participativo. Como princípios metodológicos gerais orientam o seu fazer cotidiano, encontram-se as metodologias participativas, a pesquisa-ação e a pedagogia da pergunta. A prática é referendada pela relação dialógica freiriana e pelo princípio da ação-reflexão-ação sendo corroborada pelos princípios da etnociência.

Enquanto identidade, o Agrofamiliar favorece:

- O fortalecimento da agricultura familiar e camponesa.
- O apoio à transição agroecológica.
- O fomento ao associativismo e cooperativismo e à economia solidária.
- A educação cooperativa e agroecológica.
- A produção, comercialização e consumo na perspectiva da Agroecologia.
- A organização de redes de comercialização e economia solidária.
- A inserção dos agricultores em políticas públicas.

São objetivos do Agrofamiliar:

- Apoiar e consolidar uma proposta de ensino, pesquisa e extensão sobre e a partir da agricultura familiar e camponesa (o Agrofamiliar) na UAG/UFRPE.
- Promover estudos, debates e eventos em torno da Agroecologia no âmbito local, regional e estadual.
- Estimular o debate, o desenvolvimento e a socialização de experiências em torno da temática Agroecologia.
- Apoiar processos produtivos de transição da agricultura convencional para a agroecológica.
- Apoiar a discussão interinstitucional em torno da Agroecologia.
- Promover o debate e favorecer a inserção dos agricultores familiares nas políticas públicas que fortaleçam a agricultura familiar e promovam a Agroecologia.

Dentre as ações desenvolvidas pelo Agrofamiliar (Figs. 1 e 2), podemos destacar:



- Formação de um grupo de estudo permanente em torno da temática Agroecologia e agricultura familiar e camponesa.
- Realização de projetos de extensão rural e de pesquisa junto aos agricultores no apoio à transição agroecológica.
- Realização de oficinas participativas de transição agroecológica com agricultores dos municípios do Agreste Meridional.
- Realização de oficinas junto às escolas rurais dos municípios.
- Elaboração de material educativo: cartilha sobre planejamento das propriedades usando a Agroecologia.
- Implantação de sistemas agroflorestais e quintais agroecológicos nos municípios do Agreste Meridional.
- Intercâmbio entre agricultores e estudantes da UAG/UFRPE.
- Colaboração na formação de professores do Projovem Campo Saberes da Terra em Pernambuco e em Alagoas.
- Participação e socialização das experiências em oficinas no *Congresso Brasileiro de Agroecologia e Jornada de Ensino Pesquisa e Extensão da UFRPE*.
- Apoio na Rede Produtora de Feijão do Agreste Meridional de PE.
- Realização de seminários e do *I e II Encontro de Agroecologia e III Fórum de Educação do Campo e Agroecologia*.
- Realização do *II Intercâmbio dos Núcleos de Agroecologia da UFRPE*.
- Realização do *I Encontro de Socialização do Núcleo de Agroecologia - Agrofamiliar*.
- Articulação institucional com órgãos governamentais e não governamentais para ações específicas sobre a temática Agroecologia e agricultura familiar.
- Mapeamento das experiências agroecológicas no Agreste Meridional.
- Articulação com o Fórum Territorial do Agreste Meridional, com a Rede de Educadores de Economia Solidária.

Atualmente, a equipe do Agrofamiliar está trabalhando na perspectiva de enraizar sua proposta na Unidade Acadêmica de Garanhuns, por meio de reuniões e encontros (palestras, exibição de vídeos, estudos dirigidos, etc.). Este trabalho é complementado pela relação que o Agrofamiliar estabelece com parceiros (IPA, Prorural, STR's, movimentos sociais no campo), desenvolvendo um acompanhamento



de transição agroecológica com agricultores em municípios do Agreste Meridional, além de promover visitas às propriedades rurais com o objetivo de promover a vivência/interação de experiências de agricultores no processo de transição agroecológica.

Resultados

A Agroecologia vem despertando o interesse por diferentes atores sociais e é especificamente nesta perspectiva que a consolidação do Núcleo Agrofamiliar na UAG/UFRPE vem contribuindo no cenário local, regional, estadual, nacional.

Discutir, estudar e promover eventos em torno da Agroecologia tem promovido o interesse de outros estudantes e permite apoiar processos de organização e de transição de práticas convencionais dos agricultores e ainda estimular o debate no meio científico, acadêmico e fora dele, favorecendo a construção social do conhecimento e processos de empoderamento dos diversos agricultores familiares camponeses.

As discussões, os projetos, os estudos e as pesquisas realizadas pelo Agrofamiliar vêm possibilitando uma experiência concreta que vem aproximando a universidade dos contextos rurais e gerando empoderamento nos agricultores e processos de desenvolvimento local. Isso tem possibilitado a construção do pensamento agroecológico em diferentes sujeitos sociais, uma vez que favorece a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, gerando um movimento em torno da Agroecologia.

Bibliografia

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002.

BRASIL. MDA/SAF. Ministério do desenvolvimento Agrário. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília: MDA/SAF/DATER, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Brasília, DF: MDA/SAF/DATER- IICA, 2004

CAPORAL, F., R., Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações/– Brasília: 2008. 35 p.

CAPORAL, F., R., Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade / (org.). José Antônio Costabeber. Gervásio Paulus. – Brasília: 2009. 17, 18p



Figura 1 - Oficina com os agricultores. Estudantes preparando as oficinas.



Figura 2 - Oficina com os agricultores. Estudantes preparando as oficinas.